

Performance e instalação em *Macbeth Mauser*

1990

Por Cláudio Telles

A obra de arte busca conter em si o tempo. Desde as primeiras manifestações artísticas, as pinturas encrustadas nas paredes das cavernas pelos homens pré-históricos, o componente da apreensão do tempo através da reprodução da ação está demarcado como elemento de criação. Aos olhos do homem moderno, a pintura rupestre se revela quase como histórias em quadrinhos, a dialética tempo e ação. Assim podem ser resumidas várias manifestações ao longo da história da arte, sobretudo o teatro, a literatura, mais recentemente o cinema, as próprias histórias em quadrinhos e, no campo específico das artes plásticas, as performances.

A obra de arte busca conter em si o espaço. Na tridimensionalidade proposta pela escultura e pela arquitetura clássica grega, temos como elemento preponderante as relações do homem com o domínio estético sobre o espaço. É a luta para conter, na superfície planar, o espaço que leva o artista, na Renascença, a conceber a perspectiva e, com sua aplicação, possuir o poder de representar no quadro a natureza. A percepção da totalidade espacial é um desafio aos sentidos humanos e dada como referencial para a arte. É esse o desafio que levou os artistas plásticos contemporâneos a desenvolver e colocar em igualdade com as outras manifestações a categoria instalação.

A nível plástico, é uma justaposição de performance e instalação o que nos propõem os irmãos Adriano e Fernando Guimarães em sua encenação da tragédia shakespeariana *Macbeth*. É com os elementos dessas duas manifestações contemporâneas que eles trabalham para trazer a nós as emoções possíveis existentes no texto do autor. Os atores, as falas e a música estão ali para nos revelar o tempo. O cenário, a iluminação e, de novo, a música, para nos revelar o espaço.

Ao atravessar a porta do Nepomuceno para assistir à peça, é imediata a percepção de se estar enfrentando uma nova situação. O público é tirado de seu papel tradicional de apenas se dirigir aos seus lugares na plateia e se depara com a diferente realidade de estar ele próprio penetrando num espaço cênico, através da música, da iluminação em penumbra e da existência, à esquerda do corredor, de pequenos cenários de folhas secas que já permitem sensações. O espetáculo se inicia pelo crescendo da luz no palco, através de um contínuo ato dos artistas de acender velas, que às dezenas são parte do cenário, enquanto a luz da plateia diminui paralelamente. Desta sutil maneira, o campo da ação, que estava com os espectadores que entravam, passa para a atuação dos atores.

A aparição da luz no cenário corresponde à descoberta de que os personagens estão literalmente presos dentro de uma caixa – mais uma vez a questão do espaço. Nas laterais e no seu fundo, esta caixa é feita de chapas de aço oxidado – mais uma vez a questão do tempo. Na frente, ela é feita de uma fina malha que perturba os sentidos em múltiplos aspectos. A percepção da luz pelo espectador se dá através desta malha e visualmente

remete à retícula gráfica. É essa leve película que fisicamente nos separa da ação. Ela tem o poder de ressaltar e amortecer, é mais um elemento que causa estranheza e propõe questões.

O ferro das chapas se completa no elemento cênico, cadeiras e mesas também de ferro, e nos ramos de folhas secas presos no canto e depois espalhados no espaço magistral de Lady Macbeth. Esses elementos nos levam ao lugar da ação, que é a Escócia da Idade Média e, pelo seu desenho e pela utilização do material, levam sobretudo ao lugar de encenação, que é um palco do final do século XX.

As velas acesas são outro elemento recheado de significados. Elas estão ali com a função de participar não somente como fonte de luz, mas como referencial físico do correr do tempo. Estão ali para fazer sentir o desgaste das emoções que possuem aqueles desesperados personagens que não se consegue entender bem. Essencialmente, o que se pode perceber é que tudo ali está para fornecer múltiplos sentidos ao sincopado dos excertos escolhidos pelos encenadores. Propositalmente, as referências para o espectador deixam de percorrer um caminho linear e naturalista, passando o foco principal a ser a revelação das emoções que o texto possui. O espetáculo está a serviço da ação, mas se redimensiona servindo à arte no sentido de obrigar a reflexão sobre a abrangência do fazer artístico.

Publicado no *Jornal de Brasília*, Caderno 2, 25 de agosto de 1990.